

Funcionalismo norte-americano e Gramática de Construções: diálogos em aberto

North American Functional Linguistics and Construction Grammar: Open Dialogues

Edvaldo Balduino Bispo^{1,3} 

Maria Angélica Furtado da Cunha^{1,3} 

Fernando da Silva Cordeiro² 

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, Brasil.

²Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Caraúbas, RN, Brasil.

³Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Brasília, DF, Brasil.

E-mails: edvaldo.bispo@ufrn.br; angefurtado@gmail.com; fernando.cordeiro@ufersa.edu.br

Resumo

A aproximação entre perspectivas teóricas distintas é comum e, não raro, bem-vinda à investigação de fenômenos linguísticos. Nessa direção, discutimos, aqui, pontos convergentes entre a Linguística Funcional norte-americana e a Gramática de Construções em termos de postulados teóricos e procedimentos metodológicos. A conjugação desses dois modelos tem sido muito produtiva para a análise de fatos do português brasileiro. Refletimos sobre desafios enfrentados nessa conjugação, também em termos teórico-metodológicos, e relativamente à identidade do pesquisador, quer funcionalista, quer construcionista. Contemplamos, ainda, questões em aberto nessa interface, destacando caminhos a trilhar. Por fim, apresentamos os artigos que integram este dossiê, explicitando, sumariamente, o conteúdo de cada um deles.

Palavras-chave

Linguística Funcional; Gramática de Construções; Interface funcionalismo e construcionismo; Desafios.

Editor-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editor Associado

Edvaldo Balduino Bispo

Como citar:

BISPO, Edvaldo Balduino;
FURTADO DA CUNHA,
Maria Angélica; CORDEIRO,
Fernando da Silva.
Funcionalismo norte-
americano e Gramática
de Construções: diálogos
em aberto. *Revista
Diadorim*, v.26, n.1, e64663,
2024. doi: [https://doi.
org/doi.org/10.35520/
diadorim.2024.v26n1a64663](https://doi.org/doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n1a64663)

Abstract

Bringing theoretical perspectives together is very common and often welcome in the investigation of linguistic phenomena. With this in mind, we discuss here points of convergence between North American Functional Linguistics and Construction Grammar in terms of theoretical postulates and methodological procedures. The combination of these two models has been very productive for analyzing phenomena in Brazilian Portuguese. We reflect on the challenges faced in this combination, also in theoretical and methodological terms, and with regard to the identity of the researcher, whether functionalist or constructionist. We also consider open questions in this interface, highlighting the paths to be taken. Finally, we present the papers that make up this dossier, briefly explaining the content of each one.

Keywords

Functional Linguistics; Construction Grammar; Interface between functionalism and constructionism; Challenges.

O Funcionalismo linguístico caracteriza-se por estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos interacionais em que ela é usada. Assume o pressuposto básico de que os recursos linguísticos (fonético-fonológicos e morfossintáticos) são mobilizados para atender a necessidades comunicativas (semânticas e pragmáticas) e cognitivas (a conceitualização, o modo como se dá essa conceitualização, a extensão de significado etc.). Desse modo, a relação forma-função é o fio condutor que norteia os trabalhos desenvolvidos nesse viés teórico.

Sob o rótulo “Linguística Funcional” são abrigadas diferentes correntes de estudos linguísticos desenvolvidos em diversos espaços acadêmicos, principalmente na costa oeste norte-americana, na Europa e no Brasil. Nos Estados Unidos, destaca-se a vertente praticada por linguistas como Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper, Wallace Chafe, entre outros. Na Europa, ganham relevo a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF): a primeira, de origem holandesa, tem em Simon Dik um de seus expoentes e é hoje difundida por discípulos desse linguista, como Kees Hengeveld e Lachlan Mackenzie; a segunda, de tradição inglesa, é fortemente representada por Michael Halliday e seus seguidores. Todas essas vertentes compartilham o entendimento de que a gramática das línguas naturais se configura com base nos usos linguísticos em práticas interacionais.

Ocupamo-nos aqui da vertente funcionalista desenvolvida na costa oeste estadunidense, de inspiração givoniana. Para Givón (1979; 1984), a sintaxe das línguas

naturais deriva do discurso ou da pragmática. Nessa direção, os padrões sintáticos se formam por meio da fixação de estratégias discursivas que ocorrem com alta frequência em determinados contextos interacionais, cumprindo propósitos comunicativos específicos, como fazer perguntas, dar ordens, elogiar alguém, indicar transferência de posse, expressar mudança de estado de algo etc. A repetição desses eventos discursivos para os quais são mobilizados certos recursos linguísticos permite a sedimentação desses recursos em padrões regulares, gerando, assim, estruturas e categorias sintáticas, como orações interrogativas, imperativas, ditransitivas, resultativas, relativas, sujeito, objeto direto, complemento oblíquo etc.

Nessa perspectiva, a língua é tomada como uma estrutura plástica, maleável, um sistema adaptativo complexo, nos termos de Du Bois (1985) e Bybee (2016 [2010]), suscetível a demandas de ordem comunicativa e cognitiva. A gramática de uma língua natural, de sua parte, compreende um conjunto de padrões regulares e estáveis, decorrentes de rotinas linguísticas consensuadas, ao lado de formas alternativas em processo de mudança, motivada por fatores interacionais, cognitivos e culturais. Assim sendo, uma investigação sob esse viés teórico tem, necessariamente, de considerar usos linguísticos efetivos em seu *locus* de realização, de forma a explicitar os fatores internos e, sobretudo, externos à língua que contingenciam tais usos.

A Linguística Funcional assume que as categorias do mundo físico e social, incluindo as linguísticas, não são discretas, estanques, rigidamente definidas (Furtado da Cunha; Bispo, 2013). Esse postulado implica o entendimento de que a fronteira entre essas categorias não é tão nítida, de modo que há elementos mais representativos e outros menos representativos de dada categoria. Assim, por exemplo, enquanto *homem* e *gato* são facilmente caracterizados como pertencendo à categoria *mamífero*, uma vez que exibem propriedades marcantes (morfologia e hábitos) dessa subclasse de vertebrados, *golfinho* e *morcego* são elementos mais marginais em razão de apresentarem características que, normalmente, não são relacionadas aos *mamíferos*, tais como possuir nadadeiras e viver na água (*golfinho*) ou ter asas e voar (*morcego*).

De modo semelhante, entende-se que existem membros intermediários nas categorias linguísticas, ora exibindo características que os aproximam de dada categoria, ora que os enquadram em outra. É o que se dá com o item *juntinhos*, presente em (1):

(1) ... eu tava assim de costa ... aí quando ele passou ... aí eu olhei ... menina ... todos dois se olharam **juntinhos** ... eu e ele ... (Corpus D&G Natal, p. 356).

Nessa amostra, *juntinhos* apresenta um comportamento híbrido, podendo ser incluído na classe dos adjetivos ou na dos advérbios. Do ponto de vista semântico, o termo equivale a *simultaneamente*, o que corresponde a uma interpretação adverbial. No plano morfológico, *juntinhos* está flexionado em gênero e número, concordando com a expressão *todos os dois*, comportando-se, pois, como um adjetivo.

Ocorre, desse modo, uma sobreposição de traços de adjetivo e de advérbio, contribuindo para tornar mais indefinida e fluida a fronteira entre essas categorias gramaticais.

Já o paradigma construcional, por sua vez, abriga um conjunto de abordagens que têm como ponto de interseção o conceito de *construção* e o entendimento de língua como uma rede hierárquica de signos inter-relacionados. Em qualquer dessas abordagens, a construção é definida como um pareamento simbólico e convencional de forma-função (Langacker, 1987; Croft, 2005). É simbólico porque é um signo, uma associação tipicamente arbitrária de forma e função, e é convencional na medida em que é compartilhada por uma comunidade linguística.

Embora existam diferenças entre as várias abordagens construcionistas, Goldberg (2013, p. 15) elenca quatro princípios comuns a todas essas abordagens e um compartilhado pela maioria delas. São os seguintes:

- i. a unidade básica da gramática é a construção, tomada como pareamento convencional entre forma e função;
- ii. a estrutura semântica é mapeada diretamente na forma de superfície, sem envolvimento de componente derivacional;
- iii. as construções estão interconectadas numa rede cujos nós são relacionados por links de herança;
- iv. as línguas variam em diferentes aspectos; generalizações e variação (trans) linguísticas podem ser explicadas em termos de processos cognitivos de domínio geral e de funções de construções específicas;
- v. a estrutura linguística é moldada pelo uso da língua.

Traugott e Trousdale (2013) registram que todas as abordagens construcionistas veem a gramática de forma “holística”, entendendo que nenhum nível é autônomo ou “central”; ao contrário, fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática atuam conjuntamente na construção. Essa atuação conjunta é capturada no modelo de representação da construção apresentado por Croft (2001), o qual compreende duas dimensões: a da forma e a do significado (função), estando as duas interligadas por elo de correspondência simbólica. Ao polo da forma correspondem as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; o polo da função consiste em propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas.

Outro ponto que deve ser destacado é o fato de que, em todos os modelos da Gramática de Construções (GC), não há distinção rígida entre léxico e gramática, isto é, entre construções lexicais e construções gramaticais. Nesse sentido, léxico e gramática são tomados como pontos extremos de um *continuum*.

Dada a caracterização feita, é possível perceber pontos de convergência entre a Linguística Funcional norte-americana e a Gramática de Construções. Bispo e Lopes

(2022) analisam a aproximação entre esses dois modelos teóricos, que redundou na recente orientação denominada Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; 2023). Conforme destacam aqueles autores, pesquisas desenvolvidas sob a perspectiva da LFCU assumem o postulado de que:

- i. as habilidades linguísticas podem ser tomadas e apreendidas do mesmo modo que outras capacidades cognitivas;
- ii. a linguagem constitui um amplo e multifacetado conjunto de atividades cognitivas e sociocomunicativas, associadas a outras atividades humanas;
- iii. a sintaxe não é autônoma, mas dependente da semântica e da pragmática;
- iv. léxico e gramática situam-se nos polos de um *continuum*, de sorte que não há fronteiras rígidas entre eles;
- v. fatores semântico-cognitivos e/ou discursivo-pragmáticos devem ser considerados nas análises linguísticas;
- vi. a língua é uma estrutura fluida, maleável, um sistema adaptativo complexo e consiste em uma rede de construções inter-relacionadas e organizadas hierarquicamente;
- vii. dada a maleabilidade do sistema linguístico, ele comporta gradiência e gradualidade, associadas, respectivamente, à variação e à mudança, a que as línguas naturais estão sujeitas.

Bispo e Lopes (2022) registram que a aproximação entre LF e GC implicou, entre outras coisas, a incorporação de conceitos operacionais, o reforço à consideração de fatores cognitivos na análise de fatos da língua, a opção do escopo da construção (em que nível começa e até que nível se estende). Quanto à incorporação referida, destacamos o conceito de *construção*, as propriedades a elas relacionadas (produtividade, esquematicidade e composicionalidade), a perspectiva de organização dos elementos linguísticos em rede, de forma hierarquizada, as noções de mudança construcional e de construcionalização, para lidar com fenômenos atinentes à mudança linguística, e a noção de *aloconstrução*, mobilizada por alguns pesquisadores para tratar da variação entre construções. Relativamente aos aspectos cognitivos, ganham relevo os processos de domínio geral (Bybee, 2016 [2010]), a exemplo da categorização, da memória enriquecida, da analogia e do *chunking*. No que se refere ao que é tomado como construção, conforme Bispo e Lopes (2022) pontuam, não há consenso, variando de acordo com o modelo de GC adotado ou segundo a perspectiva particular do pesquisador. Os autores lembram que, para Goldberg (2006), a construção vai do morfema a estruturas oracionais complexas; Diessel (2019) não considera a existência de construções monomorfêmicas; Östman e Fried (2005), por sua vez, admitem que padrões discursivos, os quais incluem tipo e gênero textual, podem ser tomados como construções.

A aproximação entre LF norte-americana e GC também tem suscitado desafios de ordem teórica e metodológica, conforme destacam Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016) e Bispo, Cordeiro e Lucena (2021). Tais desafios estão relacionados, notadamente, à acomodação e à operacionalização de noções de viés construcionista atinentes ao pareamento forma-função bem como ao elo simbólico e arbitrário implicado nesse pareamento. Além disso, Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016) acentuam que, da perspectiva construcionista, não se especifica se forma e função têm o mesmo peso na construção ou se uma delas ganha maior saliência. Essas questões são de crucial relevância, visto que se ligam diretamente a princípios caros ao Funcionalismo: a ideia de que a função tem ascendência sobre a forma e de que esta é, sobretudo, motivada por aquela. Os autores propõem um ponto de equilíbrio para o equacionamento dessa tensão na aproximação dos dois vieses teóricos: relativizar tanto o caráter arbitrário na ligação entre forma e sentido quanto a noção de equivalência dos dois polos do pareamento.

Outro aspecto que tem suscitado cuidados ao pesquisador relaciona-se à ideia de que, na perspectiva construcionista, todo o conhecimento linguístico do falante pode ser descrito em termos de construções. Hilpert (2014), ao citar Goldberg (2003), registra que todo o nosso conhecimento sobre a língua é capturado por uma rede de construções, a que se denomina *construct-i-con*. Furtado da Cunha e Bispo (2022) problematizam esse entendimento/postulado. Segundo os autores, existem determinados fenômenos de natureza discursiva, a exemplo da intensificação, que parecem não se acomodar à representação em rede. Trata-se de arranjo discursivo que não constitui pareamento de forma-conteúdo, uma vez que: (i) desempenha função semântico-pragmática; (ii) faz parte do conhecimento linguístico do falante; mas (iii) não apresenta forma fixa, sistematizada, dado que pode manifestar-se por uma ampla gama de expedientes fonético-fonológicos, morfossintáticos, textuais, discursivos; (iv) não é capturado pela rede construcional.

A alternativa apresentada por Furtado da Cunha e Bispo (2022) é tratar tais fenômenos como estratégias/padrões que codificam um determinado domínio funcional, nos termos de Givón (1984). Trata-se, segundo o linguista, de função comunicativa codificada pela gramática, conforme se dá com a intensificação, com a proporcionalidade, entre outras.

Ainda na esteira dessa discussão, Rosário e Oliveira (2021) registram que as aproximações e tensões entre Linguística Funcional e Gramática de Construções são primeiramente de ordem teórico-metodológica, mas resvalam em uma questão identitária, no que diz respeito ao que se caracteriza como eminentemente *funcionalista*. Os autores argumentam em favor da primazia do uso da língua, do dado real, efetivamente verificado em contextos de interação. Partindo da perspectiva de que muitas vertentes da Gramática de Construções perseguem ou tomam como objetivo central criar representações esquemáticas do nosso conhecimento linguístico, buscando

sempre níveis mais altos de abstração, a preocupação que se manifesta é a de que se valorize demasiado a esquematização ou a construção como um objeto teórico em si em detrimento do *construto*, a instanciação concreta, que revela estreita correlação com o contexto no qual foi posto em uso pelos falantes, assim como com os seus propósitos comunicativos. Nesse sentido, poderia perder-se de vista a premissa basilar do funcionalismo, qual seja, a correlação entre estrutura linguística e o modo pelo qual ela é moldada pela função nos contextos em que ocorre, resultando, portanto, em uma descaracterização da identidade funcionalista.

Outro aspecto da questão, também apontado por Rosário e Oliveira (2021), reside na adoção de procedimentos e/ou ferramentas metodológicas que se tornaram comuns em estudos centrados no uso, como testes experimentais e análises estatísticas com uso do R^1 , por exemplo. Em que pese o papel dessas ferramentas para testar e validar hipóteses sobre os padrões de uso de construções e a frequência de ocorrência de determinados fenômenos, defende-se o papel crucial do pesquisador na elucidação dos matizes semânticos presentes em um(a) item/expressão e dos contextos pragmáticos que motivam as escolhas linguísticas na interação. Em outras palavras, as ferramentas tecnológicas disponíveis permitem ao pesquisador um olhar mais amplo para o fenômeno investigado e, certamente, mais equilibrado – no sentido de que permitem uma abordagem quantitativa mais robusta – entretanto, uma análise qualitativa dos dados é ainda imprescindível a uma abordagem que se proponha funcionalista. Ou seja, essas ferramentas não podem ser um fim em si mesmo, mas tão somente um recurso para responder a determinadas questões de pesquisa.

A propósito, o tipo da investigação e seus objetivos podem indicar a compatibilidade (ou não) entre as abordagens funcional e construcionista. Apesar das evidentes convergências e das potencialidades da integração entre esses dois vieses, deve-se ter em mente que os diferentes modelos teóricos não podem ser simplesmente sobrepostos ou vistos como equivalentes. É premente citar a comparação analítica desenvolvida por Oliveira (2023) acerca dos paradigmas da gramaticalização e da construcionalização para o tratamento da mudança linguística. A autora, inicialmente, evidencia as semelhanças entre os dois processos, pontuando que ambos: i) não separam rigidamente sincronia e diacronia, assim como léxico e gramática; ii) assumem gradiência, gradualidade, variabilidade e estabilidade como inerentes aos processos de mudança; iii) reconhecem o papel da frequência e dos processos cognitivos para as sucessivas etapas da mudança. No entanto, há diferenças muito claras no que diz respeito aos objetivos principais de cada um desses paradigmas, ao tipo de evidência (dado) com que se trabalha em cada um deles e a aspectos como a direcionalidade da mudança e o lugar da paradigmática em cada processo. Assim,

¹ Segundo o site do projeto, o R é um ambiente de programação desenvolvido para computação estatística e gráfica. Mais informações podem ser consultadas em <https://www.r-project.org/>.

outro cuidado que se deve ter na interface entre funcionalismo e construcionismo é eleger o modelo/o paradigma que melhor se adequa ao fenômeno investigado e verificar se os objetivos da pesquisa são, de fato, abarcados por esse modelo.

A discussão proposta não tem pretensão de ser categórica quanto às convergências/divergências entre Linguística Funcional e Gramática de Construções. Por outro lado, evidencia que, de certo, há “diálogos em aberto” e, porque existem, o debate continua salutar e necessário. Revozeando Bispo, Cordeiro e Lucena (2021), a aproximação das vertentes teóricas aqui focalizadas, com a incorporação de conceitos operacionais da GC a pesquisas funcionalistas, requer atenção/cuidado. Por um lado, traz ganhos em termos de uma visão holística dos fenômenos investigados e de refinamento analítico. Por outro lado, demanda uma postura crítico-reflexiva do pesquisador, de modo a estabelecer limites quanto ao que deve ou não ser utilizado na análise de fenômenos específicos. Sem essa atitude, o pesquisador corre o risco de mobilizar conceitos e/ou categorias de análise não plenamente compatíveis e, conseqüentemente, descaracterizar e comprometer a própria pesquisa.

Com foco nos usos linguísticos efetivos e nos aspectos que os motivam, pesquisadores do grupo de estudos Discurso & Gramática têm investido na articulação entre a Linguística Funcional e o ensino de língua, explorando possibilidades e alternativas para o tratamento de fenômenos linguísticos em sala de aula, especialmente na proposta de atividades desenvolvidas na educação básica. Nesse sentido, desde 1996, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN), foram defendidas dissertações e teses que buscavam articular a teoria funcionalista e o ensino de português. Alguns desses trabalhos foram reunidos no livro *Funcionalismo e ensino de gramática* (Furtado da Cunha; Tavares, 2007).

A articulação entre LF e ensino de língua no contexto brasileiro, conforme mostram Bispo, Cordeiro e Lucena (2022), pode ser organizada em três fases. A primeira delas compreende as pesquisas que se voltam à identificação de aproximações, em termos de postulados, objetivos e procedimentos de investigação, de que são exemplo Oliveira e Cezario (2007) e Oliveira e Wilson (2015). A segunda corresponde à indicação de desdobramentos teórico-metodológicos para a sala de aula, mas sem intervenção direta, ilustrada por Bispo (2007; 2009), Silva (2008), Furtado da Cunha e Bispo (2012). A terceira fase envolve a elaboração e a aplicação de proposta intervencionista, conforme exemplificam Amurim (2018), Bispo e Amurim (2019) e Silva (2020). Mais recentemente, algumas publicações têm delineado, por meio de orientações metodológicas, uma proposta de ensino de gramática na perspectiva funcionalista, de que são exemplo Bispo e Cordeiro (2023), Bispo, Caian e Mafra (2023) e Bispo, Cordeiro e Silva dos Santos (2024).

Conjugando LF norte-americana e GC, ou mesmo apenas no âmbito da GC, algumas iniciativas têm sido empreendidas, dentre as quais destacamos Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2014), Wiedemer e Oliveira (2021), Bispo e Furtado da

Cunha (2022), Oliveira e Wiedemer (2022), Lopes e Rosário (2023) e Nascimento e Freitas Junior (2023). A relação entre a LFCU e o ensino de língua se justifica na medida em que esse modelo analítico tem como objeto central de investigação a constituição da gramática, sua emergência, regularização, variação e mudança. Desse modo, pesquisas orientadas por essa vertente podem fornecer subsídios para o processo de ensino-aprendizagem de tópicos gramaticais por meio de uma visão holística dos fenômenos linguísticos abordados.

A ampliação de pesquisas no campo do ensino de língua constitui outro diálogo em aberto na interface Linguística Funcional norte-americana e Gramática de Construções. Representa também seara promissora, considerando o percurso já trilhado por pesquisadores do Discurso & Gramática nas duas últimas décadas.

Na esteira do diálogo entre essas duas vertentes teóricas, este dossiê reúne trabalhos que discutem a relação entre LF e GC e/ou apresentam resultados de pesquisas desenvolvidas à luz da LFCU. São seis artigos assinados por pesquisadores de diferentes instituições de ensino superior brasileiras. Além disso, conta com uma entrevista com a professora Renata Enghels, da Ghent University, que participou do Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, em 2023, na UFRN.

Em “A centralidade do uso linguístico na pesquisa funcionalista em perspectiva construcional”, Mariângela Rios de Oliveira e Flávia Saboya da Luz Rosa discutem e defendem a primazia do uso para a análise de fenômenos linguísticos, premissa cara às abordagens funcionalistas da linguagem. Elas analisam o esquema de correlação locativa codificado como $[X_1(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_1, X_2(\text{Prep/Conj})\text{Loc}_2]$ para evidenciar que, somente por meio de uma análise qualitativa dos modos de dizer, é possível chegar à fixação do esquema.

O artigo “A concepção de multidimensionalidade e suas contribuições potenciais para a apresentação das relações verticais e horizontais das redes de construções”, de Monclar Guimarães Lopes e Ivo da Costa do Rosário, aponta as contribuições potenciais do modelo de Diessel (2019) para a representação das relações entre construções em uma rede. Os autores fazem uma análise crítica dos conceitos mobilizados na literatura para essa finalidade e procedem à apresentação do modelo de Diessel. Para fins de exemplificação, Lopes e Rosário apresentam uma breve análise da rede construcional da conformidade no português.

Natal Almeida Simões Neto assina o artigo “Morfologia Cognitiva, uma abordagem construcionista: fundamentos teórico-epistemológicos e análise da construção [X-cefalia] no português brasileiro”. O objetivo do trabalho é apresentar e discutir os fundamentos da Morfologia Cognitiva, modelo construcionista que defende a morfologia como semanticamente motivada, conforme proposto por Hamawand (2011). A fim de mostrar a aplicabilidade do modelo, o artigo propõe uma análise da construção X-cefalia, do português brasileiro, padrão que licencia itens lexicais como *microcefalia* e *hidrocefalia*.

“Maria ficou bege: uma análise funcional da predicação com o verbo *ficar* no português” é o título do artigo de Jakeline Simões Gomes, Nedja Lima de Lucena e Emanuel Cordeiro da Silva. À luz da Linguística Funcional norte-americana, os autores investigam aspectos formais e funcionais relacionados a orações predicativas com o verbo *ficar*. A análise, fartamente exemplificada com dados de língua em uso, mostra que a predicação com esse verbo está fortemente vinculada ao contexto semântico-pragmático em que ocorre.

Como a representação oriunda de línguas em contato é cognitivamente organizada? É na tentativa de responder a essa questão que Thiago Moreira da Silva e Karen Sampaio Braga Alonso analisam a distribuição das construções binominais possessivas entre falantes de português brasileiro aprendizes de Inglês como Língua Adicional (ELA). Os resultados do artigo “Inglês acadêmico de estudantes brasileiros e a distribuição das possessivas binominais: uma análise diassistêmica” mostram que o emprego das construções binominais possessivas pelos falantes de português é empiricamente convergente com as tendências dos falantes nativos na maioria dos critérios analisados. No entanto, a convergência só é estatisticamente relevante em apenas um deles.

Por fim, Dennis Castanheira e Carolina Caseira, autores do artigo “A abordagem sobre conjunções nos livros didáticos de Ensino Médio: um diálogo ao longo do tempo”, comparam coleções didáticas do Ensino Médio quanto à abordagem da classe gramatical das conjunções. A análise ocorre a partir da interface funcionalismo, texto e ensino, que destaca a necessidade de um ensino de gramática pautado no uso e nos efeitos de sentido, e aponta que os materiais didáticos apresentaram mudanças, entretanto há pontos positivos e negativos.

Referências

- AMURIM, M. E. L. C. *Pronome relativo: articulação oracional e produção escrita*. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2018.
- BISPO, E. B. Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português. *Linguagem & Ensino*, v. 10, p. 163-86, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rle.v10i1.15654>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- BISPO, E. B. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino: o caso das cortadoras*. 2009. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

- BISPO, E. B.; AMURIM, M. E. L. C. Articulação oracional e produção escrita: um trabalho com o pronome relativo. *Investigações*, v. 32, p. 275-304, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2019.241458>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. S.; LUCENA, N. L. Linguística Funcional e Gramática de Construções: interface e perspectivas. *Letras Escreve*, v. 11, n. 1, p. 9-14, 2021.
- BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. S.; LUCENA, N. L. Funcionalismo linguístico e ensino de português: convergências, possibilidades e prática docente. *Revista do GELNE*, v. 24, n. 1, p. 192-207, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2022v24n1ID29367>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- BISPO, E. B.; FURTADO DA CUNHA, M. A. “Não tomar partido é tomar partido”: *chunks* e ensino de língua portuguesa. In: OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. (org.). *Discurso e gramática: entrelaces e perspectivas*. Curitiba: CRV, 2022. p. 137-58.
- BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. *Revista Odisseia*, v. 7, n. Especial, p. i-x, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2022v7nEspecialID28489>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. S. Morfossintaxe na sala de aula sob o viés funcionalista: elementos circunstanciais em foco. In: OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. (org.). *Funcionalismo linguístico: interfaces*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2023. p. 291-326.
- BISPO, E. B.; CAIAN, T.; MAFRA, R. F. S. A categoria grau na sala de aula: do livro didático à abordagem funcionalista. *Pensares em revista*, v. 29, p. 106-135, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/pr.2023.79177>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. S.; SILVA DOS SANTOS, D. W. Gramática na sala de aula. *Caderno Seminal Digital* (Rio de Janeiro), v. 48, p. 1-29, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/seminal.2024.80016>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W. Logical and typological arguments for radical construction grammar. In: ÖSTMAN, J. O.; FRIED, M. (eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension*. Amsterdam: Benjamins, 2005. p. 273-314.
- DIESEL, H. *The Grammar Network*. How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.
- DU BOIS, J. Competing motivations. In: HAIMAN, J. *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 343-66.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: EDUFRN, 2007.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013.

- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Estratégias discursivas e rede construcional. Apresentação na mesa-redonda “Funcionalismo e Construção gramatical”, *XXV Seminário Nacional e XII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. Niterói: UFF, 2022.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013. p. 13-39.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso e ensino de português. *Gragoatá*, v. 19, n. 40, p. 80-104, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v19i36.32985>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, v. 12, n. Especial, p. 55-67, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5438>. Acesso em: 05 mar. 2024.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico-metodológica e aplicação prática. *In: ROSÁRIO, I. C. (org.). Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho: EDUFRO, 2023. p. 15-36.
- GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. *In: GIVÓN, T. (ed). Syntax and semantics: discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, T. *Syntax: A functional-typological introduction*. New York: Academic Press, 1984.
- GOLDBERG, A. Constructions: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 5, p. 219-24, 2003.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. Constructionist approaches. *In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.
- HAMAWAND, Z. *Morphology in English Word Formation in Cognitive Grammar*. London/ New York: Continuum Books (Continuum International Publishing Group), 2011.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive linguistics*. Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LOPES, M. G. ; ROSÁRIO, I. C. (org.). *Ensino de língua portuguesa no século XXI – relatos de experiência*. Campinas-SP: Pontes, 2023.
- NASCIMENTO, J. P. S.; FREITAS JÚNIOR, R. Contribuições da Gramática de Construções Diassistêmica para a discussão sobre ensino-aprendizagem de L2. *In: FREITAS JUNIOR, R.; SOARES, L. A. A; WIEDEMER, M. L. (org.). Gramática de Construções Diassistêmica: discussões teóricas e aplicadas*. Curitiba: CRV, 2023. p. 131-57.

- OLIVEIRA, M. R. Gramaticalização e construcionalização na pesquisa funcionalista. *In: OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. (org.). Funcionalismo linguístico: interfaces*. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 51-80.
- OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. Os PCN à luz do funcionalismo linguístico. *Linguagem & Ensino*, v. 10, n. 1, p.87-108, 2007.
- OLIVEIRA, M. R.; WILSON, V. Linguística funcional aplicada ao ensino do português. *In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 79-110.
- OLIVEIRA, M. R.; WIEDEMER, M. L. (org.). *Fundamentos teórico-metodológicos para o ensino de português na Educação Básica*. Campinas: Pontes, 2022.
- ÖSTMAN, J. O.; FRIED, M. (ed.). *Construction grammars: Cognitive grounding and theoretical extension*. Amsterdam: Benjamins, 2005.
- ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Linguística Funcional no século XXI: *quo vadis?* *In: BISPO, E. B.; SILVA, J. S.; SOUZA, M. M. (org.). Pesquisas funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso (uma homenagem a Maria Angélica Furtado da Cunha)*. Natal: EDUFRN, 2021. p. 384-429.
- SILVA, J. R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. 2008. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2008.
- SILVA, L. M. *Abordagem funcionalista da oração adjetiva: descrição e ensino*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2020.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, M. R. (org.). *Texto e gramática: novos contextos, novas práticas*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2021.